

Para Pensar a Psicologia

Rosa Cristina Monteiro*

"Você não sabe e não vê, mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo que uma nova idéia, em breve vai acontecer.

Porque o que ontem era novo e jovem, hoje é antigo.

E, precisamos todos rejuvenescer ..."

I. DA PSICOLOGIZAÇÃO DO SOCIAL E DO NOSSO LUGAR NO DISPOSITIVO PSICOLOGIZANTE

O Mass Media apenas confirma a todo momento aquilo que pressentimos / sentimos em cada relação: nosso campo social está consistentemente constituído por forças psicologizantes.

Tanto faz que utilizemos binóculos para alcançar longas distâncias, que usemos lupas para percorrer as minúcias dos quadros mais próximos ou que optemos pela troca direta de olhares, e, sempre um social psicologizado que se oferece ao nosso exame.

Avalia-se, na grande política, se tal ou qual candidato tem **características de personalidade** compatíveis com o lugar a que aspira, enquanto se comenta da **sede de poder** de algum outro; **a subjetividade, os sentimentos, o comportamento** são temas para reportagens tão prestigiados quanto a devastação ecológica ou os avanços da medicina na cura do câncer; revistas especializa-

* Professora Assistente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia Social, pela Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

das em assuntos psicológicos podem ser encontradas mesmo nas bancas de pequenas cidades; psicólogos tornam-se autoridades nas questões de sexo; as crianças vão cada vez mais cedo à escola e cada vez mais escolas admitem profissionais da psicologia; mesmo uma instituição tão antiga quanto o Direito se retrai, ainda que timidamente, abrindo canais para a circulação dos enunciados da psicologia...

Enquanto psicólogos, percebemo-nos duplamente atravessados por este dispositivo: “estamos sujeitos” a esta prática que percorre o tecido social, atingindo-o em toda a sua extensão, ao mesmo tempo em que “somos os sujeitos” que a efetivam.

Enquanto professores de um curso de psicologia, nossa relação com o dispositivo psicologizante torna-se ainda mais complexa, e por isso mesmo mais preocupante — somos as matrizes dos enunciados que se multiplicam a partir do exercício de cada novo profissional.

Sendo assim, pensar nossa inserção profissional e este lugar que ocupamos é tarefa inadiável, e para isso é preciso desobstruir alguns canais, limpar a área, promover, enfim, o arredondamento de um espaço de discussão que hoje se apresenta tão cheio de arestas.

Este trabalho pretende ser apenas o primeiro gesto para incitar discussão. Trata-se, portanto, de um posicionamento que, embora esteja assentado sobre algumas certezas, não deixará nunca de ser provisório.

II. DAS TENDÊNCIAS ATUAIS DA PESQUISA EM PSICOLOGIA

Em trabalhos anteriores exploramos, utilizando instrumental teórico fornecido por Michel Foucault, aspectos relativos à questão da constituição das ciências humanas e, mais especificamente, dos efeitos produzidos no corpo social pelo exercício de certas práticas fundadas nessas disciplinas.

Nesta ocasião interessava-nos investigar o que pode e o que não pode a psicologia quando ela é identificada como saber que tem como objetivo participar da promoção do bem-estar social.

Em outras palavras, interessava-nos determinar os alcances e as limitações da disciplina em questão. Nossa orientação não era, assim, epistemológica. Jamais estivemos preocupados em decidir pela cientificidade ou não da psicologia e de, por aí, pensar a sua validade. Detivemo-nos no problema da relevância que teria ou não o conhecimento já constituído e aquele que estava em vias de se constituir a partir de novas orientações metodológicas.

Aos nossos olhos tal preocupação se justificava pela frequência de textos que iniciam por uma constatação de fracasso. Para ilustrar, citamos:

“Se a importância e o vigor da pesquisa atual em ciências sociais não deixam nenhuma dúvida, as críticas a respeito de suas pretensões e de seus resultados manifestam, entretanto, o estado de crise permanente do qual elas são a sede” (Bruyne et all. Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais).

Uma vez colocado tal problema, encontramos-nos diante da necessidade de estabelecer algum quadro que nos permitisse obter uma visão global deste campo de trabalho e que, dessa maneira, viabilizasse a compreensão das múltiplas produções da área.

Organizamos então um rol sistemático das orientações metodológicas que atravessam, constituindo, o chamado saber psicológico. Obtivemos a partir daí, a seguinte síntese das principais tendências:

— há, entre os pesquisadores, aqueles que supõem que fazer ciência é sempre e em quaisquer circunstâncias encontrar as leis gerais que regem os fenômenos, de modo a alcançar uma perfeita predição e controle. Tais leis, segundo estes mesmos pesquisadores, devem sempre ser encontradas pela aplicação do mesmo método, qualquer que seja a natureza do objeto em questão.

A psicologia é, aí, a ciência que busca as leis gerais que regem o comportamento e seu método é importado das ciências naturais.

Muitos são os trabalhos que se pautam pela tentativa vigorosa e incansável de obter o maior controle possível das variáveis que cercam o acontecimento humano, de modo a poder estabelecer relações irrefutáveis.

— Também há, entre nós, aqueles que fazendo a crítica do modelo anterior, admitem que a especificidade do objeto da psicologia justifica a adoção de métodos próprios na realização da investigação. Aí, o argumento mais forte é o de que, no caso da psicologia, o “objeto” é também um “sujeito” e, que a relação de pesquisa “sujeito/objeto”, torna-se, neste caso, uma relação “sujeito/sujeito”.

Estes pesquisadores não abandonam a idéia de buscar regularidades no acontecimento humano que se possam enunciar como leis, mas alteram a perspectiva do método. Não podendo reduzir o esquema da pesquisa a um modelo de “explicação”, sugerem e adotam um modelo de “compreensão”.

Cabe explicar os fenômenos naturais e compreender os fenômenos humanos. A compreensão implica na utilização de métodos outros.

A oposição entre as duas perspectivas pode ser assim entendida: “explicar” é tomar distância em relação ao acontecimento, manipulá-lo como convém, para finalmente poder enunciar a sua verdade; compreender é aproximar-se tanto quanto possível do acontecimento, livrar-se dos preconceitos que a distância produz e ficar atento para ouvir a verdade que será enunciada pelo próprio objeto-sujeito.

— Uma terceira posição é ainda freqüente entre os pesquisadores da psicologia. Trata-se de considerar que qualquer discussão a respeito de método é vã e fútil, pois ela apenas serve para entravar uma atividade que não deveria jamais ser interrompida. Valoriza-se aí o próprio ato de pesquisar e define-se a pesquisa como busca de solução para problemas com os quais nos defrontamos. É tão nítida a inversão que esta perspectiva opera em relação às duas anteriores, que aí se cria mesmo um termo novo para distinguir este tipo de atividade — fala-se da pesquisa-ação. É a partir daí que se pode estabelecer a nebulosa dicotomia entre pesquisa pura e pesquisa aplicada.

O rigor metodológico como critério de discussão é substituído pela relevância social. O importante deixa de ser discutir a respeito da pertinência ou não de um certo método, mas sim decidir pela relevância ou não de certo problema. O bom senso do pesquisador passa a ser o eixo das discussões.

Todos somos então pesquisadores, desde que tenhamos qualquer preocupação em relação a uma questão dita psicológica . . .

No corpo acadêmico das instituições docentes, a introdução desta nova perspectiva gera pares de opostos. Separam-se os teóricos e os práticos, os engajados e os alienados, correspondendo sempre, respectivamente, aos que se preocupam e aos que não se preocupam com a questão de método. Em escolas onde esta posição é dominante a fragmentação do corpo docente se faz principalmente segundo um critério de intervenção no tecido social: dividem-se os psicólogos clínicos, os psicólogos escolares e os psicólogos organizacionais. Isto porque, no predomínio desta perspectiva, os então chamados “teóricos”* ou pesquisadores puros”, compõem a margem necessária à manutenção do centro.

Evidentemente, esta descrição é bastante breve e não chega a explicitar todos os lugares por onde se passam eixos de ruptura entre os pesquisadores.

Muitas outras divisões poderiam ser localizadas, mas consideramos que por aqui apontamos linhas que cortam todos os empreendimentos nesta área.

Para nós, o mais importante é reter justamente esta dicotomia, pela força com que ela opera. Enquanto professores percebemos principalmente coagidos a optar entre o “teórico” e o “prático”, o “saber” e a “técnica” e por aí adiante. Opções que, pela análise já feita, se referem em última instância à dicotomia entre refletir para estabelecer princípios ou orientar-se pela busca dos fins.

* As aspas sugerem justamente que consideremos espúria tal divisão — como se não houvesse prática na produção teórica!

III. DAS LEITURAS POSSÍVEIS PARA ENTENDER A MULTIPLICIDADE DAS TENDÊNCIAS EM PSICOLOGIA.

O quadro anterior nos revela claramente a multiplicidade de forças que compõem o espaço social que nos propomos pensar.

Evidentemente, são bastante diferenciadas as produções originadas de cada uma das perspectivas mencionadas.

Se, neste emaranhado de linhas, paramos e perguntamos o que estamos realmente fazendo neste cotidiano, duas respostas nos parecem imediatamente possíveis:

— Uma primeira possibilidade é a de admitir que neste momento convivemos com o caos. A desordem nos aparece então como a qualidade mais nítida das nossas atividades e as perspectivas de desfecho são drásticas — as forças teriam que se intensificar, acentuando suas diferenças até o ponto em que algumas fossem eliminadas para que alguma prevalecesse. Nosso campo profissional fica assim representado como um campo de batalha.

Embora nossos confrontos diários se pareçam, às vezes, com uma pequena guerra, não é, contudo, em torno da constituição do saber psicológico que os ataques se processam. Ao contrário a impressão que temos é que, neste nível, existe absoluto “respeito” pelas produções individuais e que o trabalho de cada um deve permanecer intocável. Todas as pesquisas são bem-vindas e todo o escrúpulo deve ser mantido para que não atravessemos o melindroso universo da Ética.

É justamente este convívio, estranhamente harmonioso, que remete a possibilidade de outra hipótese que dê conta de esclarecer sobre o que efetivamente está sendo produzido.

— Ao invés de chamar “caótico” o estado de coisas apresentado pelo exercício da psicologia, é comum chamá-lo “crítico”. Ou seja, admite-se não ser o império da desordem o que faz circular as diferenças e mesmo os antagonismos, mas é a instalação da crise.

A multiplicidade das tendências configuram um espaço instável e desequilibrado que caminha no sentido de encontrar um equilíbrio. Neste processo pode-se mesmo supor que um agravamento da correlação das forças é necessário para que se alcance alguma solução.

A diferença em relação à perspectiva anterior é a de que, nesta nova leitura, o antagonismo entre as forças não deve ser diluído em um movimento de vitórias e derrotas, mas seria solucionado por constantes e sucessivos reagrupamentos.

Espera-se aí o surgimento de forças conciliatórias capazes de aglutinar ao seu redor as diversas tendências e dirimir os conflitos.

IV. DE UMA NOVA LEITURA PARA O QUADRO QUE CONFIGURA AS TENDÊNCIAS

Do nosso ponto de vista, nenhuma das duas leituras anteriores aponta para a questão central a ser pensada na produção da psicologia.

Uma avaliação histórica do desenvolvimento da disciplina que está no foco de nossas preocupações evidencia que a crise sempre esteve presente e que ela é, portanto, constitutiva. Desde que se tentou forjar uma ciência humana segundo o modelo das ciências naturais, até o momento atual em que se clama pela relevância da pesquisa, este campo de conhecimento foi atravessado por fragmentações internas que lhe concederam um aspecto de vulnerabilidade à crítica. Concluir, por aí, que este é um dado positivo, uma vez que a crise é aquilo que faz avançar qualquer linha evolutiva, é repetir lugar comum, demasiadamente vulgarizado para se crer que seja o ponto mais penetrante ao qual nosso pensamento pode chegar.

O que nos parece mais evidente é que as instituições psicológicas não cessam de produzir e divulgar resultados. As fragmentações internas raramente rompem o espaço da instituição.

Nossos desencontros aparecem sempre cobertos por um tom de cordialidade quando vamos a público.

De todos os desencontros, o que resulta é uma proliferação de práticas que cada vez mais se expandem no tecido social. A esta expansão e conseqüente penetração chamamos, no início deste texto, "psicologização" do social.

V. DOS EFEITOS PRODUZIDOS PELA NOSSA PRÁTICA PROFISSIONAL DA NECESSIDADE DE NOVAS SAÍDAS

A psicologização do social se apresenta para nós como um exercício de poder que se realiza pela normalização da conduta, pela disciplinarização dos corpos, enfim, pela constituição de sujeitos dóceis.

As estratégias deste exercício são tanto mais eficazes quanto mais sutis são os meios pelos quais ela opera. Sua principal característica é a de não estar polarizado em qualquer lugar determinado. Não há instância que represente inequivocamente este poder. Seu locus é cambiável, mas seu efeito é contundente. Seus agentes não estão uniformizados e raramente adquirem um rosto. A prática da psicologia e sua disseminação no corpo social consolida um tipo de vigilância que prescinde de controles formalizados.

Todos nós sabemos, cada vez mais, onde passam os meridianos que circunscrevem o centro e a margem, e quando ousamos algum passo fora não é preciso a polícia para nos trazer de volta, pois é suficiente a culpa, a ameaça da loucura, o risco implicado na condição de desviante . . . instrumentos tão bem forjados pela psicologia!

Sempre dicotomizando entre o normal e patológico, o adaptado e desadaptado, o ajustado e o desajustado, o freqüente e o excepcional, o apto e o inapto, o capaz e o incapaz, o evolutivo e o involutivo, o comum e o inesperado, os idênticos e os opostos, a psicologia tem-se constituído neste século como disciplina prescritiva, produzindo enunciados que circulam com força de lei.

Ainda mais, por ter institucionalizado a sua crise ao mesmo tempo em que se institucionalizou, a psicologia tem a possibilidade de gerar enunciados incompatíveis entre si, imbricados apenas pelo seu aspecto normativo, sem que seu objetivo explícito seja questionado.

Dito de outro modo, todos os resultados, ainda que se contrariem mutuamente, são justos porque obtidos na "busca do bem-estar do homem".

Cada sistema formulado, cada teoria elaborada, cada prática exercida tem seu valor enquanto ocasião para superação da crise. Esta fragmentação interna do saber, acompanhada pelo reconheci-

mento da crise, aumenta ainda seu valor estratégico, uma vez que permanece a idéia de sujeitos e grupos livres para optar. Raras vezes se percebe os limites dentro dos quais se está sendo mantido.

Nossa tarefa, se queremos efetivamente pensar a nossa prática, seria então a de não mais avaliar nosso trabalho do ponto de vista de sua (des)articulação interna, ou seja, pensá-lo como "efeito" de certos acontecimentos históricos, mas pensá-la como "causa" de acontecimentos. Não se trata de fazer proliferar as práticas onde quer que nos seja dada oportunidade.

Propomos, portanto, uma inversão de perspectiva. Não admitir que há uma realidade que aguarda passivamente por nossa intervenção e que reagirá bem ou mal, segundo seja boa ou má a nossa prática, mas admitir que há um fluxo social que nossa prática realiza, reifica, quer seja boa ou má. Os efeitos da prática são muito menos reversíveis do que talvez se possa conceber. Não é possível retardar o fluxo, interrompê-lo e retificá-lo.

É preciso absoluto cuidado e atenção, desde o início, para os efeitos que se produz a cada pequeno gesto.

O fascínio de estar no centro pode ser substituído pelo desafio de estar à margem.

O texto de Lyotard, pode ser um bom começo. Ali se apontam "Alguns Combates Minoritários a Travar" e na nossa prática existem muitos deles. Identificá-los para deles participar, aí sim como agentes de mudança social, é provavelmente o desafio mais atual que para nós se coloca.

Ali onde passam os vetores de estigmatização, de silenciamento, de exclusão, podemos impulsionar forças contrárias.

Este cuidado é diferente de simplesmente posicionar-se "do lado do oprimido", entendido em sua dimensão econômica. Não se trata de defender quem quer que seja.

Falo aqui da necessidade de se pensar o efeito imediato de cada prática — que discursos ela possibilita e que silêncios produz, que gestos ela autoriza e quais outros impede, enfim, de que modo ela está facilitando ou interrompendo os fluxos que atravessam o social.

BIBLIOGRAFIA

- ARMSTED, N. *Reconstructing social psychology*. Canadá, Penguin Books, 1974.
- BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEET, M. *A dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- LYSTARD, J. F. *Pequena perspectiva da decadência ou de alguns combates minoritários a travar*. In: GRISONI, D. *Políticas da Filosofia*, Lisboa, Moraes, 1977.
- MACHADO, R. **Ciência e saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- PENNA, A. G. **Introdução à história da psicologia contemporânea**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- SANTOS, Laymert G. *Desregulagens*. São Paulo, Brasiliense, 1981.